

**BRIZOLA
CAMARGO**

A N E X O

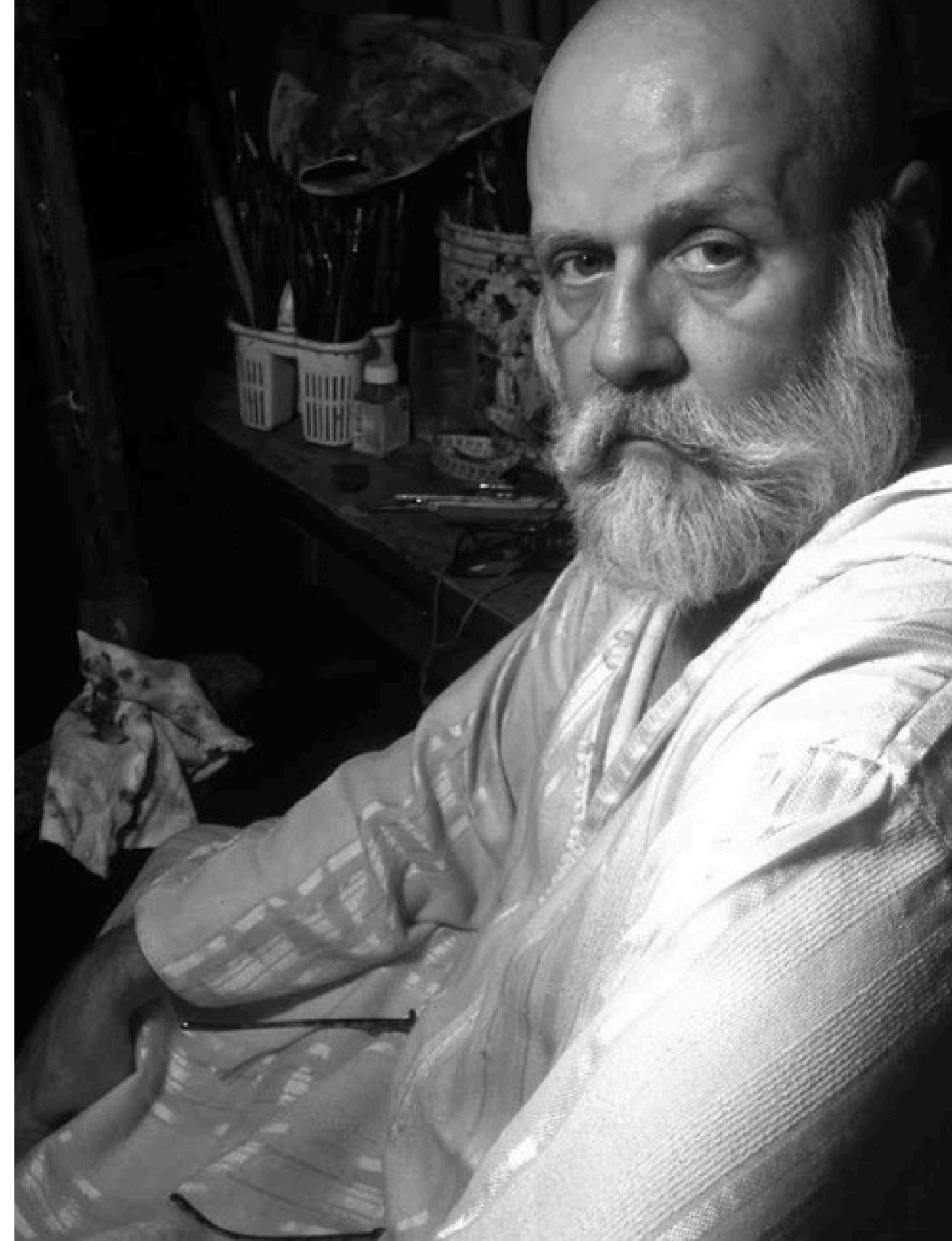
NOTTHESAMO +

LEO BRIZOLA

Em 2025, Leo Brizola completou 50 anos de produção artística. Um dos principais representantes da arte mineira de sua geração, construiu uma obra marcada por uma estética maneirista, atravessada por leituras contemporâneas. Sua pesquisa dialoga com a mitologia clássica, a história da arte e questões existenciais e contemporâneas, aliando rigor técnico e densidade conceitual.

Ao longo de uma trajetória consistente, desenvolveu um acervo maduro e diverso, com destaque para pintura, desenho, bordado e fotografia. Esta exposição propõe um recorte representativo de sua produção, reunindo obras emblemáticas de diferentes períodos e apresentando, de forma inédita um conjunto de obras recentes dedicados aos mitos fundadores da civilização ocidental como a conhecemos.

BRIZOLA CAMARGO @ 2026



Corpo Estranho: Anatomia do Atrito

Leo Brizola

Corpo Estranho: Anatomia do Atrito

Toda transformação começa com uma intrusão.

Um corpo estranho atravessa uma superfície, interrompe uma ordem, instala uma inquietação. Às vezes assume a forma de uma serpente. Outras vezes de um fantasma, uma criatura, uma lembrança, um desejo, uma presença impossível de nomear, ou algo incômodo. O que importa não é sua aparência, mas sua capacidade de alterar tudo aquilo que toca.

As personagens que habitam a obra de Leo parecem conhecer intimamente esse processo. Mulheres, criaturas, máscaras, animais e figuras híbridas compartilham um mesmo território simbólico, onde as fronteiras entre o humano e o imaginário se tornam instáveis. Nada está completamente definido. Nada permanece intacto.

Existe algo de teatral em suas pinturas. Cortinas se abrem, personagens ocupam o centro da cena e criaturas emergem das margens como se atravessassem um palco ou um sonho. Mas não se trata de uma narrativa linear. O que vemos são fragmentos de uma mitologia própria, construída a partir de aparições, encontros e metamorfoses.

Nesse universo, a beleza nunca surge como estado de perfeição. Ela aparece como consequência de uma transmutação.

A pérola, imagem recorrente em sua produção, atravessa a exposição como uma espécie de metáfora. Antes de se tornar brilho, foi incômodo. Antes de se tornar ornamento, foi invasão. Nascida daquilo que interrompe uma ordem harmônica, ela carrega a memória da ferida que a originou. Sua beleza não existe apesar do atrito e do desconforto, mas emerge precisamente deles.

Talvez por isso as figuras de Leo carreguem uma estranha ambiguidade. São simultaneamente vulneráveis e soberanas, delicadas e inquietantes. Habitam o instante em que algo está prestes a mudar, quando uma identidade começa a se desfazer para dar lugar a outra forma ainda desconhecida.

Em Corpo Estranho: Anatomia do Atrito, o estranho não aparece como ameaça externa. Ele já está presente. Habita os corpos, as paisagens, os gestos, os silêncios e as mentes. É a força invisível que transforma, desloca e reinventa. Como a pérola, cada imagem nasce de um encontro entre a ferida e a forma.

E é nesse espaço de tensão, entre aquilo que nos atravessa e aquilo que escolhemos nos tornar, que a obra de Leo encontra sua potência.

Clara Grizol

Prendemo-nos ao exterior das coisas, ignorando que é dentro delas que se esconde tudo o que nos comove.

Plotino, Enéada

Alexandre Lanna, Patrono Cultural
Alexandre Lanna, Cultural Patron

**BRIZOLA
CAMARGO**



Colar de pérolas/Pearl necklace

Oil on canvas

150 × 150 cm

2026

R\$ 17.000,00

US\$ 3.119

Interpretação da obra: Colar de Pérolas (2026)

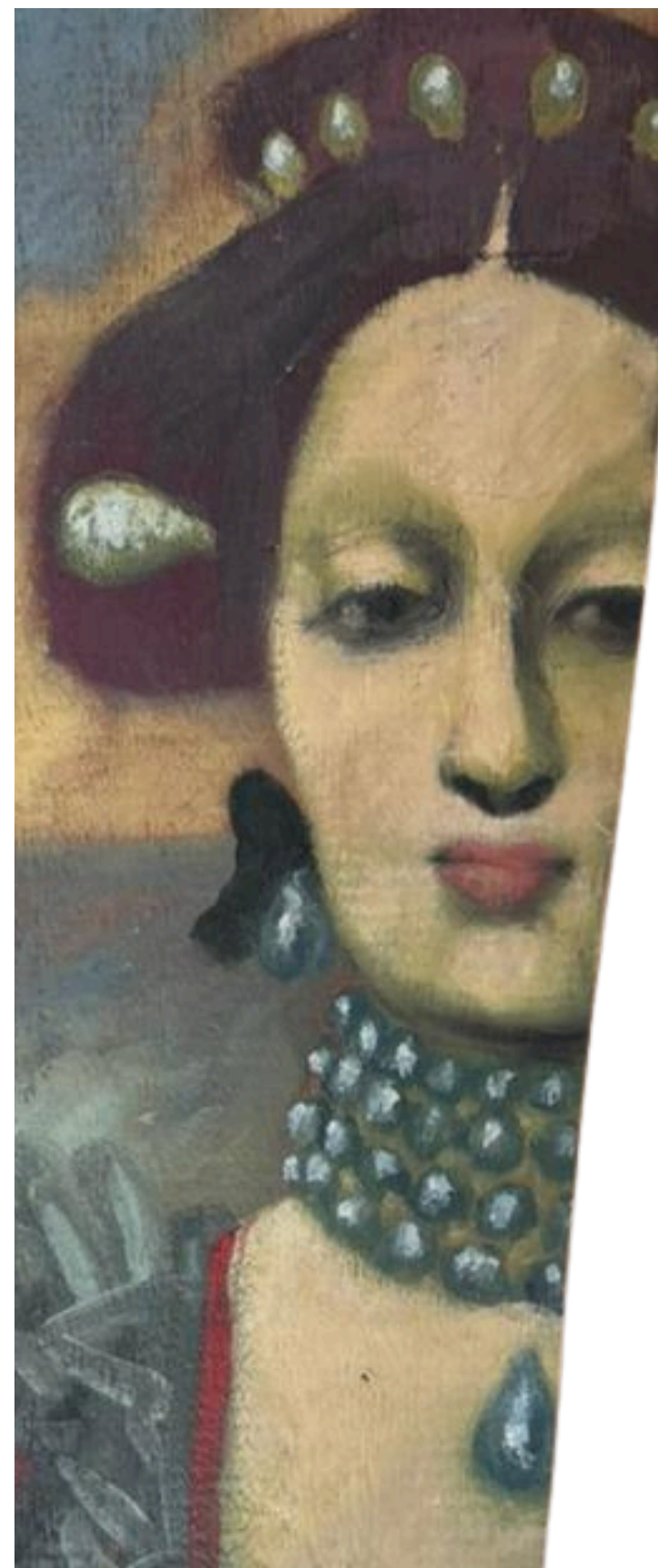
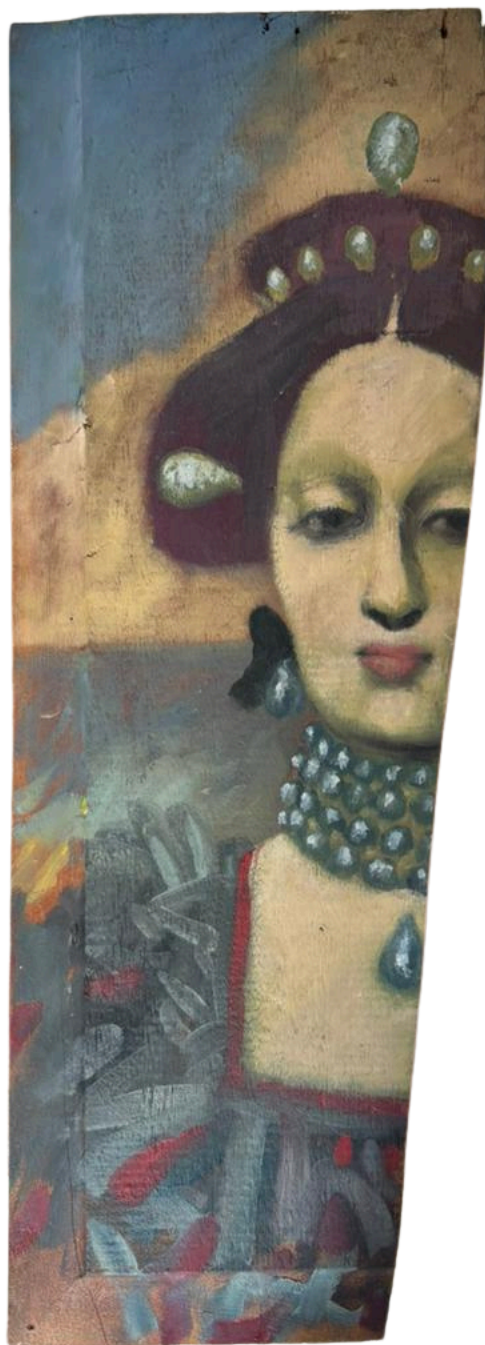
A mesa está posta como um altar. O gesto de retirar o colar de pérolas ultrapassa o simples despir: insere-se em uma tradição simbólica da história da arte, na qual o abandono de um ornamento precioso sugere a passagem entre estados de existência e a proximidade da morte. A cena não apresenta esse momento como uma ruptura violenta, mas como um rito silencioso e inevitável.

Se cada pérola nasce do atrito entre um corpo estranho e a ostra, um colar torna-se a síntese de uma existência. Cada esfera guarda a memória de uma perda, de um desafio ou de uma cicatriz, mas também da beleza produzida por esse mesmo processo. A verdadeira metáfora da pérola não está na dor, mas na capacidade de transformá-la. Reunidas, elas narram uma vida marcada por dor, mas também beleza e catarse. Ao ser retirado, o colar deixa de ser apenas um ornamento para tornar-se a própria história de um corpo.

Mais do que representar um acontecimento, a pintura captura o instante que o antecede. Habita o território da suspensão, aquele breve intervalo em que tudo ainda pode acontecer. Não vemos a morte consumada, mas sua iminência. É nesse "quase", recorrente na produção de Leo Brizola, que reside a potência narrativa da obra.

As cortinas, elemento recorrente em sua pintura, abrem a cena como um palco e evocam a ideia do *theatrum mundi*: a vida como um grande teatro, onde personagens atravessam papéis, aparências e destinos. Ao fundo, quadros dentro do próprio quadro ampliam essa construção metalinguística, sugerindo que toda imagem carrega a memória de outra imagem.

O gato observa a cena em absoluto silêncio. Não interfere nem julga, apenas testemunha um ritual de passagem. Sua presença reforça a atmosfera de suspensão que atravessa a composição, onde vida, morte e transformação coexistem. A obra sugere, enfim, que a morte talvez não seja um fim, mas a delicada passagem entre uma forma que se dissolve e outra que começa a existir.



Pérolas/Pearls
Oil on wood
46 × 17 cm
2026
R\$ 4.000,00
US\$ 734

Interpretação da obra: Pérolas (2026)

Esta obra nasce de um gesto de resgate. Em vez da tela tradicional, Leo Brizola escolhe pintar sobre um fragmento de madeira encontrado e abandonado na fazenda. As marcas do tempo, as irregularidades da superfície e sua forma assimétrica deixam de ser imperfeições para tornar-se parte da própria imagem. O suporte não apenas recebe a pintura: ele participa dela.

A escolha do material dialoga diretamente com um dos principais eixos de sua pesquisa. Assim como a pérola transforma um corpo estranho em beleza, a madeira descartada é reintegrada ao mundo por meio da pintura. O que antes parecia destinado ao desaparecimento torna-se suporte para uma nova narrativa. A transformação deixa de ser apenas um tema representado e passa a constituir a própria matéria da obra.

A figura retratada emerge parcialmente, como se fosse revelada pela própria madeira. Seu rosto permanece sereno, enquanto o colar de pérolas volta a aparecer como símbolo de uma existência construída por sucessivas camadas de experiência. Cada pérola conserva a memória do atrito que a originou: reunidas, transformam-se em beleza, sem apagar as marcas de sua formação.

Mais do que representar uma personagem, a obra propõe uma reflexão sobre aquilo que permanece. Entre o suporte encontrado, a imagem incompleta e a metáfora da pérola, tudo aponta para uma mesma ideia: a de que o tempo não destrói necessariamente as coisas, por vezes, é justamente ele que lhes confere sentido.



Figura Branca/White Figure

Oil on canvas

70 × 90 cm

2023

R\$ 10.000,00

US\$ 1.835

Interpretação da obra: Figura Branca (2023)

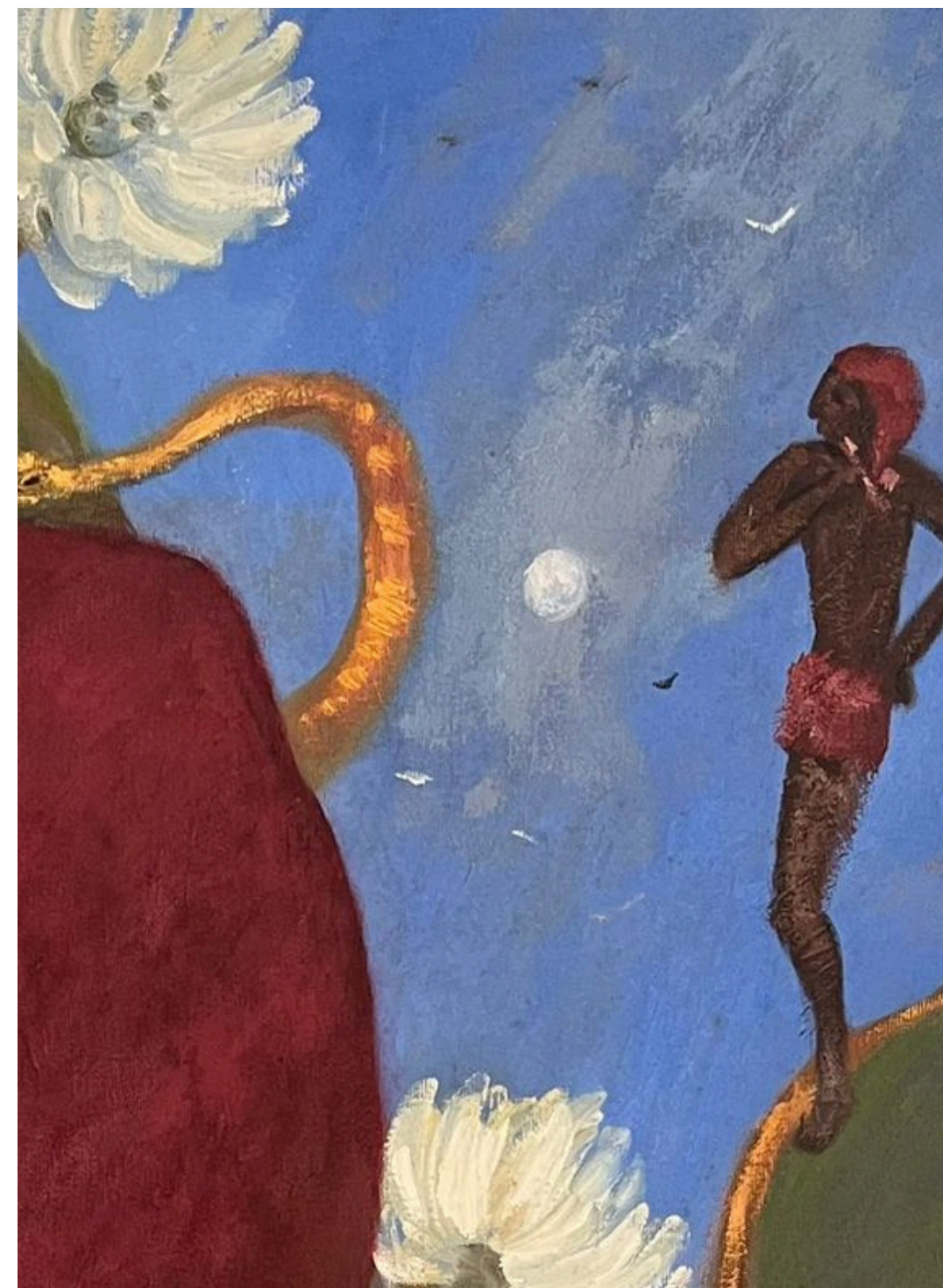
A figura branca não surge como um invasor, mas como uma presença já incorporada à existência da personagem. Seu gesto é discreto: uma mão repousa sobre o ombro da mulher, sem violência ou confronto. Entre ambos não existe resistência, mas convivência. O estranho deixa de ser um elemento externo para tornar-se parte inseparável da própria identidade.

A criatura permanece indefinida. Sua anatomia incompleta e sua aparência quase espectral impedem qualquer identificação precisa. Ela pode ser entendida como memória, trauma, desejo, morte ou inconsciente. Sua força reside justamente nessa impossibilidade de ser nomeada. Como em grande parte da produção de Leo Brizola, interessa menos definir o símbolo do que preservar sua potência imaginativa.

A personagem, por sua vez, não dirige o olhar para essa presença. Olha diretamente para o espectador, como se já tivesse aprendido a coexistir com aquilo que a acompanha. A tensão da pintura não nasce da ameaça, mas da naturalidade com que ambos compartilham o mesmo espaço.

As pérolas reaparecem como um contraponto silencioso. Nascidas do atrito entre um corpo estranho e a ostra, elas simbolizam a possibilidade de transformar a experiência da dor em beleza. Assim, a criatura deixa de representar apenas aquilo que fere e passa a representar também aquilo que, inevitavelmente, nos constitui.

A obra sugere que toda identidade é construída pela convivência com seus próprios corpos estranhos. Não somos apenas aquilo que escolhemos mostrar, mas também aquilo que carregamos conosco, mesmo quando deixamos de percebê-lo.



Saci Pererê
Oil on canvas
70 × 60 cm
2024
R\$10.000,00
US\$ 1.835

Interpretação da obra: Saci Pererê (2024)

Em Saci Pererê, Leo Brizola desloca um dos personagens mais emblemáticos do imaginário popular brasileiro para um universo simbólico onde mitologia, pintura clássica e memória cultural coexistem. O Saci deixa de ocupar o lugar do folclore ilustrativo para tornar-se uma presença enigmática, inserida em uma narrativa aberta, livre de qualquer compromisso com a representação tradicional.

A figura feminina, construída a partir da linguagem dos retratos aristocráticos europeus, estabelece um contraste deliberado com o personagem folclórico. Longe de representar universos opostos, ambos compartilham o mesmo espaço pictórico, sugerindo que culturas consideradas eruditas e populares pertencem a um mesmo campo de imaginação. A pintura dissolve essas fronteiras e propõe uma mitologia híbrida, onde referências brasileiras e europeias deixam de competir para dialogar.

A serpente, elemento recorrente na produção do artista, atravessa silenciosamente a composição. Mais do que um símbolo de tentação ou ameaça, ela representa transformação, renovação e conhecimento. Seu movimento sinuoso conecta os diferentes planos da pintura, conduzindo o olhar do espectador e estabelecendo uma continuidade entre as figuras.

A riqueza ornamental das vestes, marcada por joias, bordados e padrões minuciosos, contrasta com a presença discreta do Saci ao fundo. Essa oposição entre exuberância e simplicidade não estabelece uma hierarquia, mas evidencia o interesse de Brizola em aproximar diferentes tradições visuais. O extraordinário não está reservado aos personagens da história oficial, ele também habita os mitos populares.

Ao reunir elementos aparentemente inconciliáveis, Saci Pererê propõe uma revisão da própria ideia de patrimônio cultural. A obra sugere que a identidade brasileira se constrói justamente na convivência entre narrativas diversas, onde o folclore, a história da arte e a imaginação contemporânea deixam de ser categorias isoladas para integrar uma mesma experiência simbólica.



Lise (Diptych)

Oil on canvas

60 × 30 cm

2026

R\$ 5.500,00

US\$ 1.009

Interpretação da obra: Lise (Diptych) (2026)

Em *Lise (Diptych)*, Leo Brizola constrói uma narrativa dividida entre dois espaços que parecem coexistir sem jamais se encontrar plenamente. O formato em díptico introduz uma separação física, mas também simbólica: duas cenas, dois tempos ou dois estados de consciência são colocados em diálogo através de um limiar que nunca se dissolve completamente.

O título evoca discretamente a tradição da pintura europeia do século XIX, possivelmente em referência às representações de *Lise Tréhot* por Renoir. No entanto, Brizola não busca a citação histórica. A figura feminina torna-se um ponto de partida para a construção de um universo próprio, onde referências clássicas convivem com elementos fantásticos e simbólicos.

As duas personagens parecem habitar mundos distintos. À esquerda, uma figura com mangas bufantes brancas se arruma, um grande peixe e polvo com grandes tentáculos emergem como presenças silenciosas, sugerindo um território governado pelo imaginário e pelo inconsciente.

À direita, outra mulher permanece de costas diante de um ambiente organizado por pinturas e arquitetura, evocando um espaço da memória, da cultura e da contemplação. Entre ambas, uma faixa vertical funciona como um eixo de passagem, separando e, ao mesmo tempo, conectando essas duas dimensões, tempos e espaços.

Como em grande parte da produção de Brizola, a pintura não oferece uma narrativa conclusiva. Ela captura um instante suspenso, em que diferentes realidades coexistem sem hierarquia. O fantástico não interrompe o cotidiano, ele o atravessa discretamente, sugerindo que o imaginário habita os mesmos espaços da experiência ordinária.

Lise (Diptych) propõe, assim, uma reflexão sobre os múltiplos territórios da identidade. Entre memória e imaginação, psique, história da arte e mitologia pessoal, a obra sugere que toda imagem é atravessada por outras imagens, e que toda narrativa permanece inevitavelmente incompleta.



Alien
Acrylic on canvas
30 × 30 cm
2019
R\$ 4.500,00
US\$ 826

Interpretação da obra: Alien (2019)

Em Alien, Leo Brizola desloca uma figura amplamente reconhecida pela cultura pop para um ambiente doméstico marcado pela intimidade e pela tradição da pintura de interiores. Em vez de representar uma invasão, a obra propõe um encontro silencioso entre o extraordinário e o cotidiano. O alienígena não interrompe a cena, ele parece pertencer a ela.

A composição é construída a partir de uma tensão entre familiaridade e estranhamento. A mesa posta, os objetos cuidadosamente organizados e a pequena pintura na parede evocam a estabilidade da vida doméstica. No entanto, a presença da criatura dissolve qualquer sensação de normalidade. O "corpo estranho" deixa de ser um elemento externo e passa a ocupar naturalmente esse espaço, sugerindo que aquilo que nos parece desconhecido talvez sempre tenha habitado o interior da experiência humana.

As cortinas, elemento recorrente na produção de Brizola, abrem a composição como um palco. Ao revelar a criatura, transformam o ambiente em uma cena teatral, evocando a ideia do theatrum mundi, em que realidade e representação tornam-se inseparáveis. O espectador é convidado não apenas a observar a imagem, mas a participar de uma narrativa cuja lógica permanece deliberadamente incompleta.

Ao escolher um personagem pertencente ao imaginário da ficção científica, Brizola amplia o conceito de "corpo estranho" para além da biologia ou da mitologia. O alienígena torna-se uma metáfora para tudo aquilo que desafia nossa percepção de normalidade: o desconhecido, o inconsciente, o outro e, sobretudo, aquilo que permanece irredutível à linguagem.

Em vez de provocar medo, a obra desperta uma inquietação mais sutil. Ela sugere que o estranho não chega de fora, apenas se revela quando as cortinas finalmente se abrem.



Auto Retrato/ Self-Portrait

Oil on canvas

100 × 100 cm

2024

R\$ 15.000,00

US\$ 2.752

Interpretação da obra: Auto Retrato (2024)

Longe da tradição do autorretrato como afirmação da identidade, Auto Retrato apresenta o artista imerso em um universo de imagens que parecem anteceder-lo e sobreviver a ele. Leo Brizola não ocupa o centro da composição como protagonista absoluto; ele compartilha o espaço com figuras híbridas, rostos fragmentados e criaturas fantásticas que emergem como manifestações de seu imaginário pictórico, evocando a expressividade e a deformação presentes na tradição moderna, especialmente em artistas como Picasso.

O artista aparece segurando a paleta, reafirmando o gesto da pintura. No entanto, o verdadeiro tema da obra parece ser o próprio ato de criar. As figuras que o cercam não funcionam como personagens independentes, mas como presenças que habitam o mesmo território simbólico do qual sua pintura emerge. O autorretrato deixa de representar uma fisionomia para revelar uma paisagem mental.

A coexistência entre a figura humana e essas entidades fantásticas dissolve qualquer separação entre realidade e imaginação. Em Brizola, o imaginário não surge como fuga do real, mas como sua continuidade. As criaturas não invadem a pintura, elas constituem a própria matéria da qual ela é feita.

Também chama atenção o contraste entre a serenidade do artista e a intensidade expressiva das figuras ao seu redor. Enquanto os rostos fantásticos carregam deformações, pinceladas vigorosas e gestos exacerbados, o pintor mantém uma postura contida e contemplativa. Essa tensão sugere que o processo criativo nasce justamente da convivência entre controle e impulso, consciência e imaginação.

Mais do que representar sua imagem, Auto Retrato propõe uma reflexão sobre a própria identidade artística. A obra sugere que um pintor não é definido apenas por sua aparência, mas pelo universo simbólico do qual sua produção nasce continuamente. O verdadeiro autorretrato talvez não esteja em seu rosto, mas nas imagens que o cercam e que, silenciosamente, participam da construção de quem ele é.



Modernismo/Modernism
Oil on canvas
40 × 40 cm
2023
Private Collection

Interpretação da obra: Modernismo (2023)

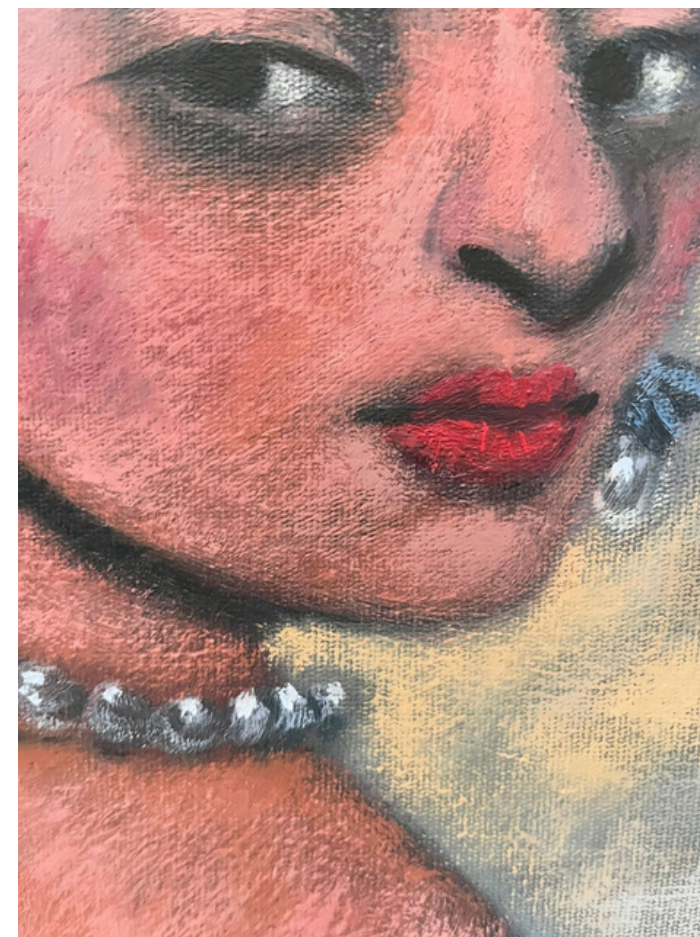
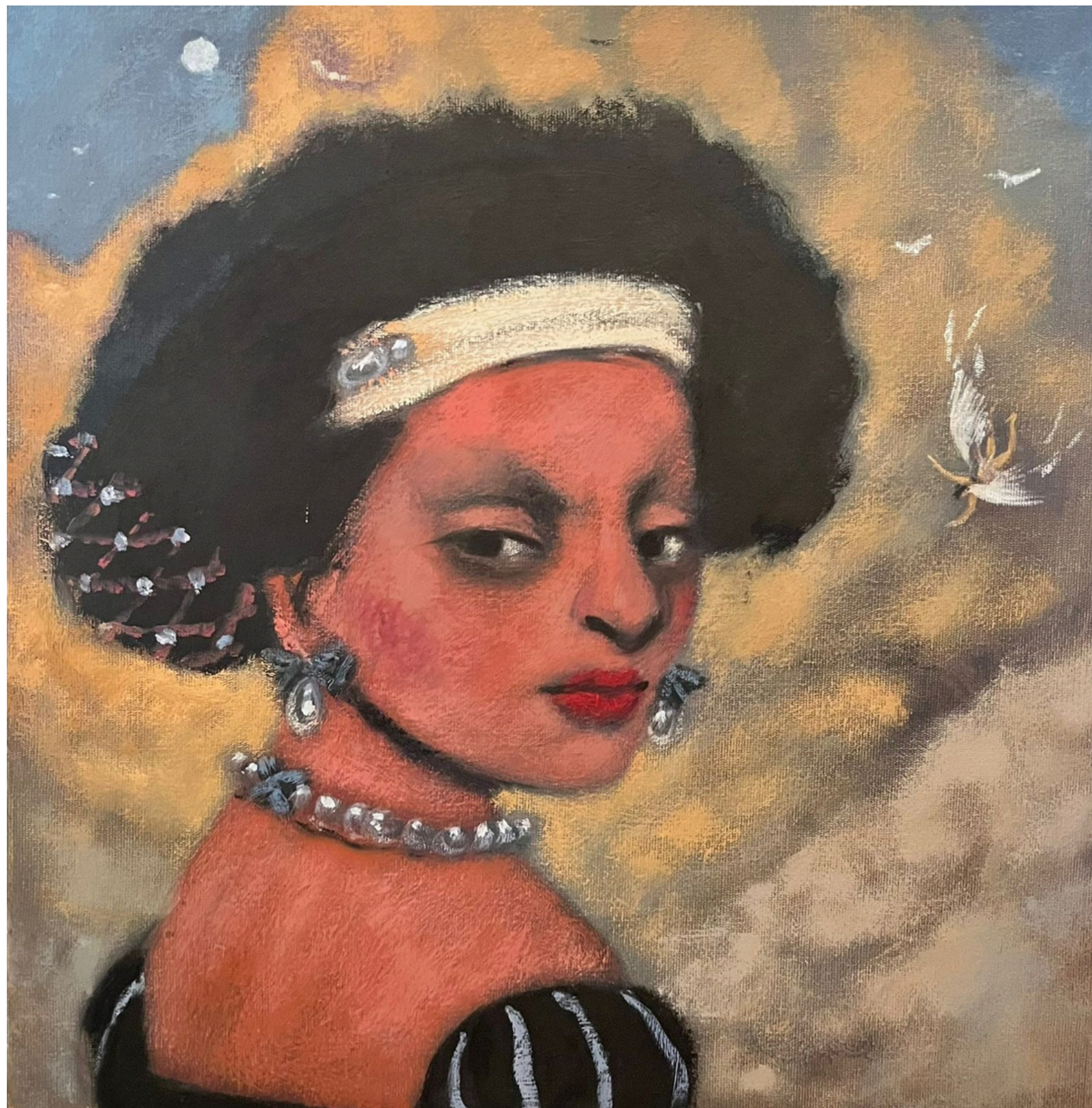
Em Modernismo, Leo Brizola aproxima dois imaginários aparentemente inconciliáveis. Ao fundo, uma residência de linhas retas e volumes geométricos evoca o vocabulário da arquitetura modernista brasileira, símbolo de progresso, racionalidade e projeto. Em primeiro plano, duas figuras femininas banham-se em uma paisagem escura e primordial, sugerindo um tempo anterior à própria ideia de civilização.

A pintura constrói uma tensão entre ordem e natureza. A arquitetura surge como uma tentativa humana de organizar o mundo, enquanto a paisagem permanece densa, imprevisível e silenciosa. As figuras femininas não pertencem ao espaço construído; permanecem voltadas para a água e para a terra, como se habitassem uma dimensão onde o tempo histórico ainda não tivesse se imposto.

Mais do que estabelecer uma oposição entre esses universos, Brizola propõe sua coexistência. O racional e o intuitivo, o construído e o orgânico, o moderno e o ancestral compartilham a mesma paisagem sem que um elimine o outro. A obra sugere que o projeto moderno jamais foi capaz de apagar aquilo que o antecede: a memória da natureza, do mito e do corpo. ia humana.

Essa convivência silenciosa torna-se ainda mais significativa diante da escala da composição. A arquitetura, embora visualmente dominante por sua cor e geometria, permanece distante. Já as figuras humanas, pequenas diante da vastidão da paisagem, parecem integrar naturalmente aquele ambiente, como se dele fossem inseparáveis.

Mais do que refletir sobre um movimento artístico, Modernismo questiona uma visão de mundo. A obra sugere que todo projeto de ordem convive inevitavelmente com aquilo que escapa ao controle, o imaginário, a natureza e as forças invisíveis que continuam habitando a experiência humana.



Queda de ícaro / Fall of Icarus

Oil on canvas

40 × 40 cm

2024

R\$ 7.000,00

US\$ 1.284

Interpretação da obra: Queda de Ícaro (2024)

Em Queda de Ícaro, Leo Brizola revisita um dos mitos mais conhecidos da tradição ocidental sem representar seu episódio central. A queda acontece discretamente ao fundo da pintura, enquanto uma figura feminina dirige seu olhar ao espectador com absoluta serenidade. Ao deslocar o foco da narrativa, o artista transforma o mito em uma reflexão sobre aquilo que permanece depois da queda.

A personagem não testemunha nem reage ao acontecimento. Sua atenção está voltada para fora da pintura, estabelecendo uma relação direta com o observador. O fracasso de Ícaro deixa de ser um espetáculo e torna-se uma presença silenciosa, integrada à paisagem. O extraordinário acontece, mas a vida continua.

As pérolas, elemento recorrente na produção de Brizola, ampliam essa reflexão sobre transformação. Enquanto Ícaro representa o desejo de ultrapassar os próprios limites, as pérolas lembram que a beleza nasce do atrito entre um corpo estranho e aquilo que o acolhe. Ambas as imagens falam sobre mudança, mas por caminhos distintos: uma pela ruptura, a outra pela permanência.

Mais do que revisitar um mito clássico, Queda de Ícaro propõe uma reflexão sobre a condição humana. A obra sugere que toda aspiração à transcendência convive inevitavelmente com a possibilidade da queda e que, muitas vezes, é justamente ela que transforma a memória, o corpo e a imaginação.



Anjo/ Angel
Oil on canvas
180 × 130 cm
2026
R\$ 20.000,00
US\$ 3.670

Interpretação da obra: Anjo (2026)

Em Anjo, Leo Brizola constrói um espaço onde memória, imaginação e história da arte coexistem sem obedecer a uma lógica narrativa. A composição reúne um pintor diante de sua tela, criaturas híbridas, animais e uma figura alada que atravessa silenciosamente a cena. Em vez de organizar esses elementos em uma sequência linear, a pintura os apresenta como fragmentos de um mesmo universo simbólico, onde diferentes tempos e referências passam a compartilhar o mesmo espaço.

A figura alada, que dá título à obra, distancia-se da iconografia tradicional dos anjos. Ela não surge como mensageira divina ou símbolo de salvação, mas como uma presença mediadora, situada entre o humano e o fantástico. Sua posição dominante estabelece uma espécie de limiar, conectando mundos distintos sem jamais dissolver suas diferenças.

Ao fundo, um pintor trabalha diante de sua tela, remetendo à própria tradição da pintura ocidental. Ao seu redor, rostos deformados, criaturas marinhas e figuras fantásticas coexistem naturalmente, sugerindo que o processo criativo nasce justamente da convivência entre o familiar, o estranho e as sombras do artista.

Mais do que representar um anjo, a obra investiga o próprio ato de criar. A pintura sugere que nenhuma imagem nasce isoladamente, toda criação é atravessada por outras imagens, outras memórias e outras narrativas. Entre tradição e invenção, realidade e fantasia, Anjo apresenta a imaginação como um território onde diferentes tempos continuam dialogando e se transformando continuamente.



Vênus e Cupido/ Venus and Cupid

Oil on canvas

180 × 130 cm

2026

R\$ 20.000,00

US\$ 3.670

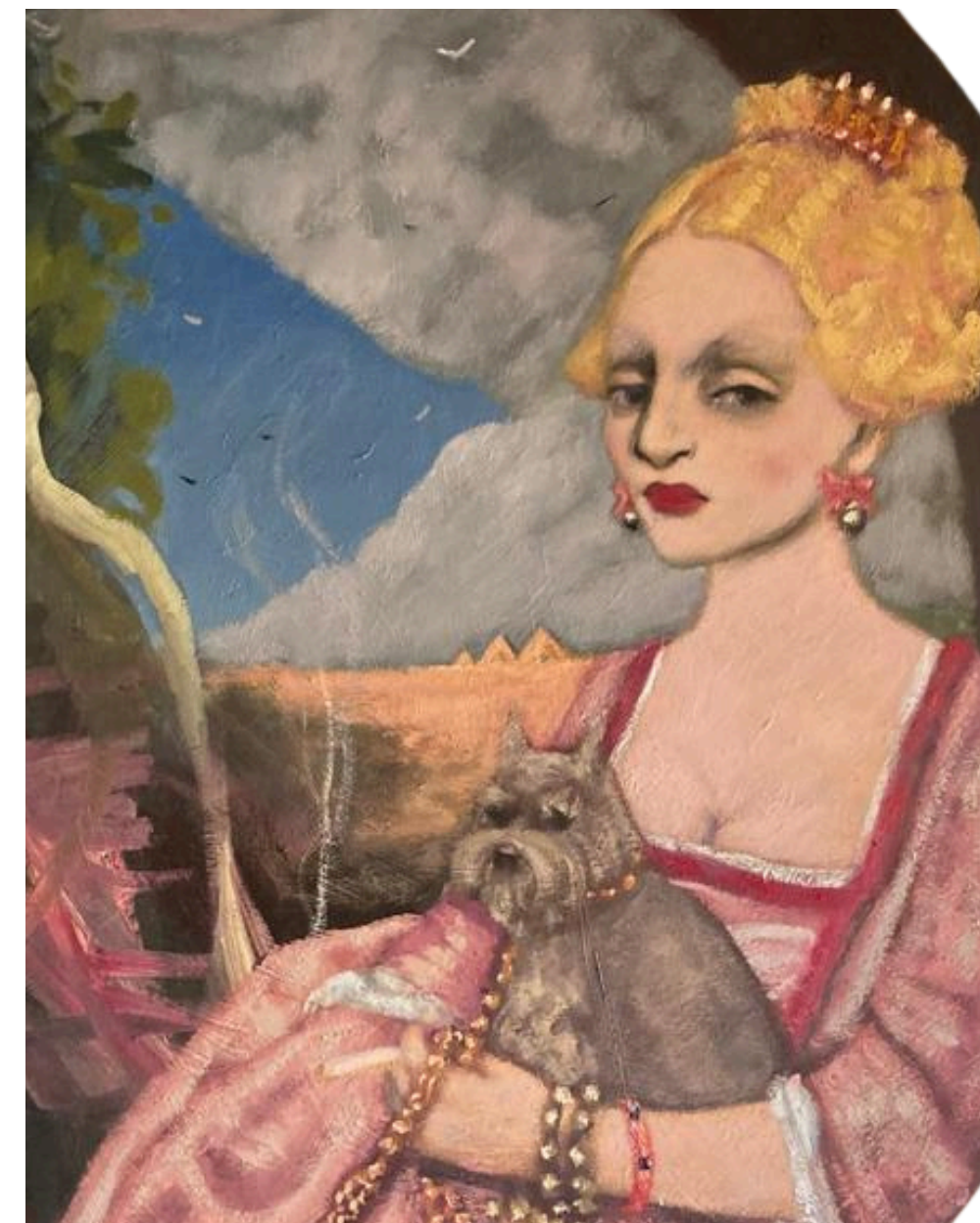
Interpretação da obra: Vênus e Cupido (2026)

Em Vênus e Cupido, Leo Brizola revisita a tradição da pintura mitológica para construir uma cena onde mito, teatro e imaginação coexistem em um mesmo espaço simbólico. A deusa ocupa o centro da composição, mas a narrativa não se organiza em torno dela. Ao seu redor, personagens, animais e figuras híbridas compartilham o mesmo palco, como se pertencessem a uma realidade onde diferentes tempos e histórias deixassem de existir separadamente.

As cortinas, elemento recorrente na produção do artista, revelam a cena como um palco. A pintura evoca a tradição do *theatrum mundi*, segundo a qual a vida se apresenta como uma grande representação, onde identidades, desejos e papéis são continuamente encenados. O mito deixa de pertencer ao passado e passa a existir como uma experiência permanente da imaginação.

Embora o título faça referência a Vênus e Cupido, o desejo não aparece como um tema romântico, mas como uma força que atravessa toda a composição. Olhares, gestos e presenças silenciosas estabelecem relações que nunca se resolvem completamente, criando uma narrativa aberta, onde o espectador é convidado a construir seus próprios percursos entre as figuras.

Mais do que reinterpretar um episódio da mitologia clássica, Vênus e Cupido propõe uma reflexão sobre a permanência das imagens. Em Brizola, o mito não é citado, ele é reencenado. Entre memória e invenção, realidade e fantasia, a pintura sugere que toda imagem continua vivendo porque encontra novas formas de ser narrada.



Descanso na fuga para o Egito/
Rest on the Flight into Egypt

Oil on canvas
tondo Ø 120 cm

2026

R\$ 15.000,00

US\$ 2.752

Interpretação da obra: Descanso na Fuga para o Egito (2026)

Em Descanso na Fuga para o Egito, Leo Brizola parte de um dos temas mais recorrentes da pintura religiosa para construir uma narrativa onde mito, memória e imaginação coexistem. A referência ao episódio bíblico permanece apenas como ponto de partida. Em seu lugar, surge uma cena suspensa entre o sagrado e o fantástico, onde personagens simbólicos ocupam um território que escapa ao tempo histórico.

A figura feminina substitui a representação tradicional da Sagrada Família. Em seus braços, um pequeno animal torna-se imagem de cuidado, fragilidade e proteção. Ao seu lado, uma presença espectral acompanha silenciosamente a cena. Não é possível determinar se se trata de um anjo, de um guardião ou de uma manifestação do desconhecido. Sua ambiguidade amplia a narrativa e transforma a travessia em uma experiência interior.

A paisagem, recorrente na produção de Brizola, deixa de funcionar como simples cenário para tornar-se um espaço de passagem. Entre o céu luminoso e a vegetação escura, a pintura estabelece um limiar onde realidade e imaginação deixam de ser categorias opostas. O percurso não é apenas geográfico, mas simbólico: uma travessia entre diferentes estados de existência.

Mais do que revisitar um episódio religioso, Descanso na Fuga para o Egito propõe uma reflexão sobre aquilo que acompanha todo deslocamento humano. Entre proteção e vulnerabilidade, memória e transformação, a obra sugere que toda jornada é atravessada por presenças invisíveis e que, muitas vezes, é justamente durante a pausa que a verdadeira transformação acontece.



Verde Amarelo/ Green and Yellow

Oil on canvas

Ø 120 cm

2026

R\$ 15.000,00

US\$ 2.752

Interpretação da obra: Verde Amarelo (2026)

Em Verde Amarelo, Leo Brizola constrói uma natureza-morta que ultrapassa a tradição do gênero para tornar-se uma alegoria sutil sobre o Brasil. O verde da vegetação e o amarelo dos frutos evocam imediatamente as cores da bandeira nacional, mas sua presença nunca se transforma em símbolo explícito. Em vez da celebração patriótica, a pintura estabelece uma atmosfera de beleza silenciosa atravessada por uma tensão difícil de nomear.

A abundância ocupa o centro da composição. Flores, frutos e objetos cuidadosamente organizados sugerem prosperidade e estabilidade. No entanto, essa ordem é discretamente interrompida por pequenas figuras. Quase imperceptível à primeira vista, ela introduz um corpo estranho no interior da cena, deslocando a leitura da imagem e revelando que toda aparência de equilíbrio pode ocultar formas silenciosas de violência.

Mais do que representar as cores de um país, Verde Amarelo questiona aquilo que elas passaram a simbolizar. A exuberância da natureza contrasta com a percepção de uma riqueza que nem sempre se converte em realização coletiva.

Entre prosperidade e estagnação, abundância e contenção, a obra sugere que a maior contradição brasileira talvez não esteja na falta de recursos, mas na dificuldade histórica de transformá-los em um projeto comum. Sua crítica permanece silenciosa, convidando o espectador a refletir sobre as estruturas invisíveis que fazem com que um território tão fértil conviva, repetidamente, com a permanência da escassez.



Coroação / Coronation

Oil on canvas

120 × 90 cm

2026

R\$ 16.000,00

US\$ 2.936

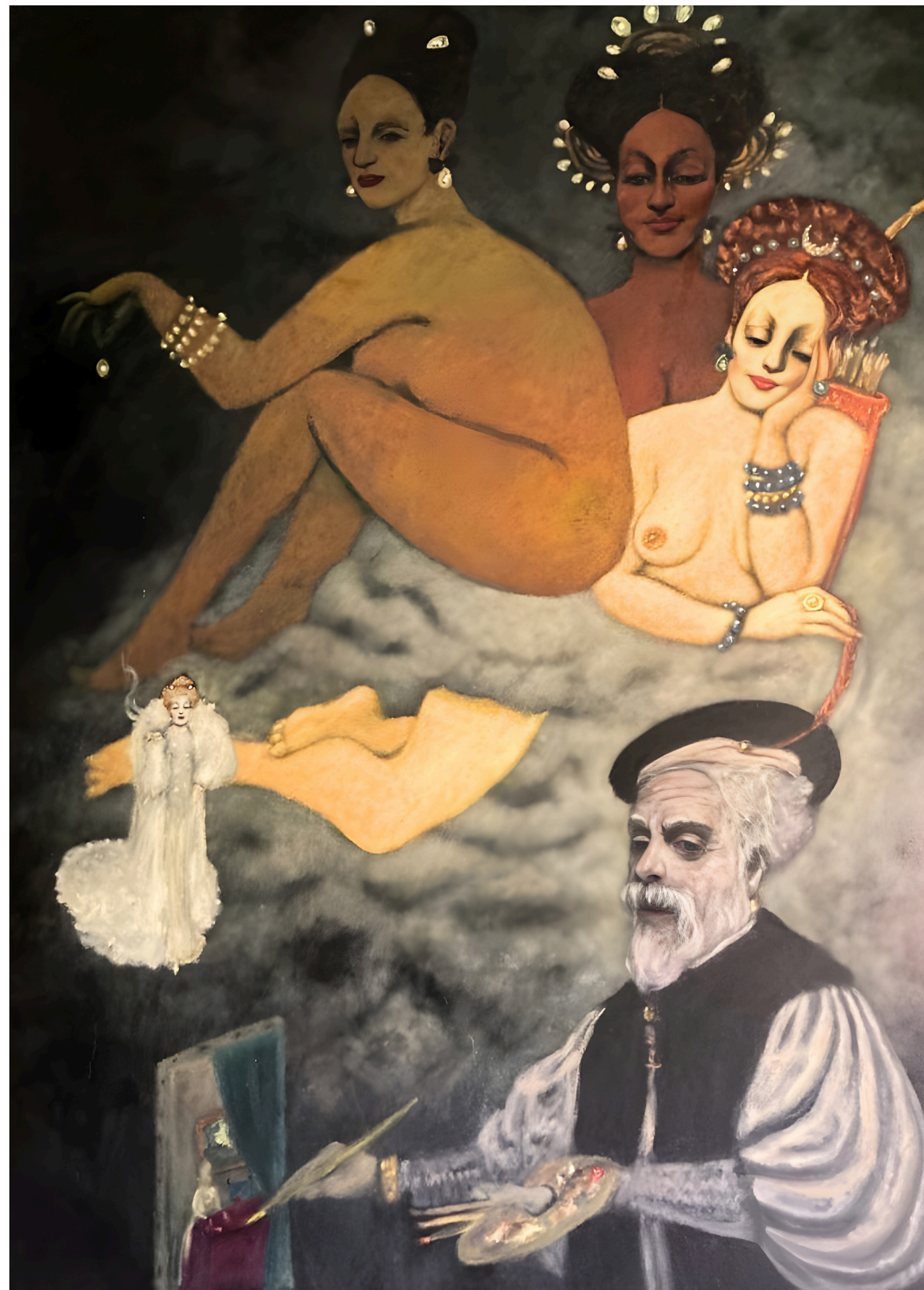
Interpretação da obra: Coroação (2026)

Em Coroação, Leo Brizola transforma um motivo tradicional da pintura religiosa em uma reflexão sobre a criação artística. A composição reúne um pintor em primeiro plano e, ao fundo, uma cena de caráter ritualístico, onde uma figura deposita uma coroa sobre outra. A coroação deixa de representar um gesto de poder para tornar-se um símbolo de transformação.

O artista ocupa o centro da composição segurando sua paleta, estabelecendo uma relação direta entre o ato de pintar e a construção de sua própria identidade. Ao seu redor, figuras híbridas e elementos fantásticos dissolvem qualquer separação entre realidade, memória e imaginação. Em Brizola, a pintura nunca registra apenas o mundo visível, ela revela um universo interior continuamente atravessado por outras imagens, símbolos e signos.

A cortina azul, recorrente em sua produção, reforça a dimensão teatral da cena. Como em um palco, ela revela um acontecimento que parece existir fora do tempo histórico. A coroação acontece como um rito silencioso, sugerindo que toda criação implica uma transformação simbólica daquele que cria.

Mais do que representar um momento específico, Coroação propõe uma reflexão sobre o próprio fazer artístico. A obra sugere que o artista não nasce pronto, mas é continuamente constituído por sua relação com a tradição, com a memória e com as imagens que o antecedem. A verdadeira coroação não é um prêmio, mas o instante em que a pintura passa a transformar aquele que a produz.



Diana
Oil on canvas
185 × 130 cm
2026
R\$ 22.000,00
US\$ 4.037

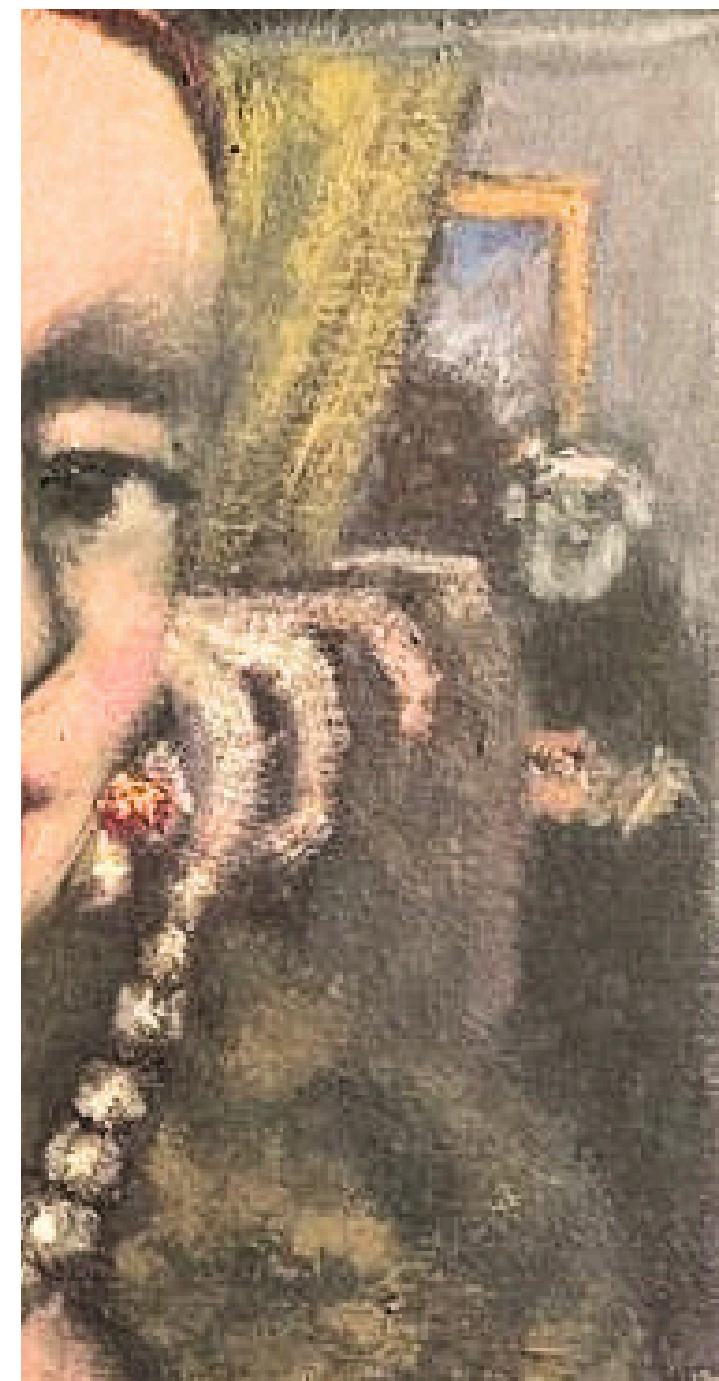
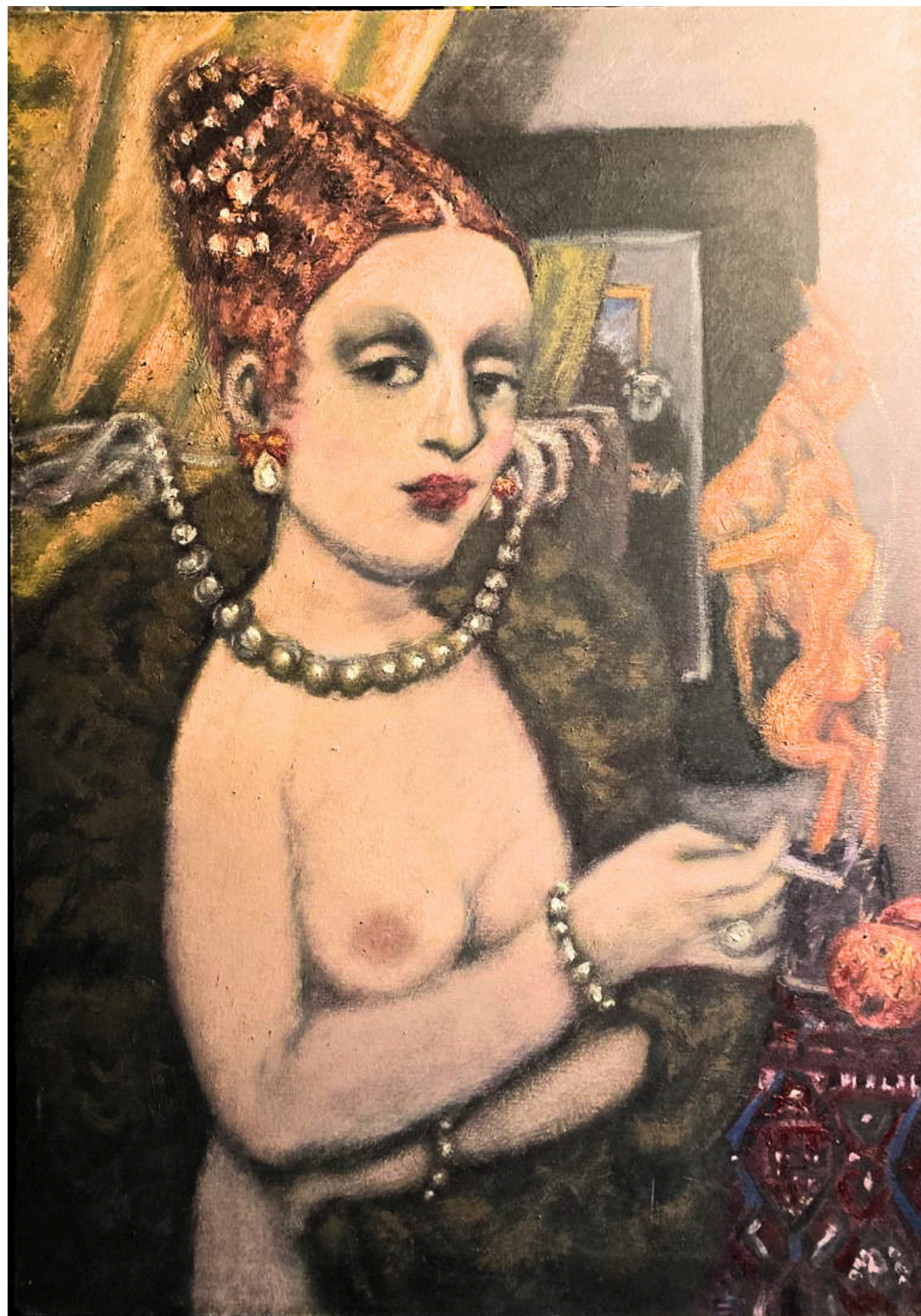
Interpretação da obra: Diana (2026)

Em Diana, Leo Brizola revisita a figura da deusa romana da caça e da lua para construir uma pintura onde mito, memória e imaginação coexistem. A composição abandona qualquer intenção narrativa e aproxima personagens de diferentes tempos e naturezas, como se todos habitassem um mesmo território simbólico. A mitologia deixa de ser uma história distante para tornar-se uma linguagem através da qual a pintura pensa a si mesma.

As figuras femininas ocupam a parte superior da composição ilustram o imaginário do artista, com a tradição clássica, mas condensam também atributos frequentemente associados a Diana: autonomia, mistério e uma relação íntima com o mundo da natureza e caça. Sua disposição no espaço cria uma atmosfera de suspensão, onde o tempo parece desacelerar e diferentes imagens passam a coexistir.

Na parte inferior, o pintor segura sua paleta diante da tela, estabelecendo um diálogo silencioso entre o artista e suas musas. Em Brizola, criar é estabelecer uma conversa contínua com imagens que atravessam séculos, onde elas interagem entre si.

Mais do que representar uma divindade grega clássica, Diana reflete sobre a permanência dos mitos na arte contemporânea e na atualidade. Entre tradição e invenção, realidade e fantasia, a obra sugere que essas figuras continuam vivas porque permanecem sendo revisitadas e reinterpretadas. O mito deixa de pertencer ao passado e transforma-se em uma presença ativa na construção do imaginário contemporâneo.



Atavio/ Attire
Oil on canvas
70 × 50 cm
2026
R\$ 10.000,00
US\$ 1.835

Interpretação da obra: Atavio (2026)

Em *Atavio*, Leo Brizola transforma o ornamento em linguagem simbólica. O título remete ao adereço como construção da identidade, sugerindo que aquilo que veste o corpo também participa da construção daquilo que somos. O retrato abandona a função de representar uma personagem específica para investigar a delicada fronteira entre aparência e essência.

As pérolas, elemento recorrente na produção do artista, ocupam um lugar central nessa construção. Mais do que adornos, elas carregam a memória do atrito que lhes deu origem. Cada pérola preserva a lembrança de uma transformação, reunidas, deixam de representar apenas beleza para tornar-se uma narrativa silenciosa sobre o tempo, a experiência e a capacidade humana de converter a dor em catarse.

A figura feminina surge com a solenidade dos retratos aristocráticos da tradição europeia. Sua postura serena e seu olhar contido contrastam com a pequena criatura fantástica que emerge discretamente ao fundo. Como em grande parte da obra de Brizola, o corpo estranho não aparece como ameaça, mas como uma presença inevitável, sugerindo que toda identidade é atravessada por forças invisíveis que escapam ao controle.

O gesto de retirar o colar ultrapassa o simples despir: insere-se em uma tradição simbólica da história da arte, na qual o abandono de um ornamento precioso sugere a passagem entre estados de existência e a proximidade da morte.

Mais do que refletir sobre o ornamento, *Atavio* propõe uma reflexão sobre aquilo que ele revela. A obra sugere que a verdadeira beleza não reside na superfície das imagens, mas nas histórias que elas silenciosamente carregam. Entre tradição e imaginação, Brizola transforma o retrato em um espaço onde memória, transformação e identidade permanecem inseparáveis.



Mousiké - do grego a arte das musas
Mousiké — from the Greek, the art of the Muses.

Oil on canvas

90 × 60 cm

2026

R\$ 12.000,00

US\$ 2.202

Interpretação da obra: Mousiké (2026)

O título da obra remete ao termo grego Mousiké, originalmente utilizado para designar a arte das Musas. Na Antiguidade, a palavra não se restringia à música, mas compreendia todas as formas de criação artística e intelectual: poesia, teatro, pintura, memória e filosofia. Ao recuperar esse conceito, Leo Brizola desloca a pintura para um território onde a arte é entendida como um princípio criador capaz de reunir diferentes tempos, narrativas e tradições.

A composição organiza-se como um palco. A cortina, elemento recorrente em sua produção, introduz a ideia do theatrum mundi, revelando uma cena cuidadosamente encenada. No centro, a figura feminina ocupa uma posição quase hierática, enquanto personagens distribuídos em diferentes planos parecem participar de um mesmo ritual simbólico. Mais do que ilustrar um episódio específico, a pintura apresenta a criação artística como um espaço de encontro entre o humano, o mitológico e o imaginário.

Ao longo da composição, pequenas figuras habitam discretamente a arquitetura, sugerindo que nenhuma imagem existe de forma isolada. Em Brizola, toda pintura nasce da memória de outras imagens. Referências à tradição clássica, à pintura religiosa e ao imaginário fantástico convivem naturalmente, formando um universo em que diferentes tempos históricos permanecem simultaneamente presentes.

Mais do que representar a arte das Musas, Mousiké investiga a própria origem da criação. A obra sugere que toda manifestação artística nasce do diálogo entre memória, imaginação e tradição. Entre realidade e mito, Leo Brizola transforma a pintura em um espaço onde diferentes formas de conhecimento continuam coexistindo, reafirmando a arte como um território permanente de invenção e transformação.



Bilhete / Note

Oil on canvas

100 × 100 cm

2026

R\$ 15.000,00

US\$ 2.752

Interpretação da obra: Bilhete (2026)

Em Bilhete, Leo Brizola constrói uma pintura onde a narrativa se organiza em torno daquilo que permanece não dito. A pequena folha de papel torna-se o eixo silencioso da composição, sugerindo que palavras ausentes podem carregar maior potência do que qualquer gesto explícito. Mais do que um objeto, o bilhete funciona como um mediador entre presenças, memórias e desejos.

A cena é construída como um interior cuidadosamente encenado. A cortina, elemento recorrente na produção do artista, reforça a ideia do theatrum mundi, revelando ao espectador um acontecimento íntimo que parece existir entre a confiança e a representação. Ao fundo, a figura masculina surge apenas parcialmente, como alguém que observa ou participa discretamente da cena, sem jamais ocupar plenamente o espaço da narrativa.

Sobre a mesa, objetos cotidianos organizam uma atmosfera de aparente serenidade. No entanto, como em grande parte da produção de Brizola, um corpo estranho infiltra-se silenciosamente na composição, sugerindo que toda imagem abriga uma dimensão invisível. O fantástico não rompe a realidade; ele emerge naturalmente dela, deslocando a leitura para um território onde imaginação e memória coexistem.

Mais do que representar uma correspondência, Bilhete investiga o poder das imagens de comunicar aquilo que permanece impossível de dizer. Entre silêncio e revelação, presença e ausência, a obra sugere que toda narrativa se constrói tanto pelo que é mostrado quanto pelo que permanece oculto. É justamente nesse intervalo que a pintura encontra sua maior potência simbólica.

Desenhos 1980



União Ideal / Ideal Union
Mixed media with graphite and ink on paper
40 × 50 cm
1980
R\$ 3.500,00
US\$ 642



Conversa / Conversation
Mixed media with graphite and ink on paper
40 × 50 cm
1980
R\$ 3.500,00
US\$ 642



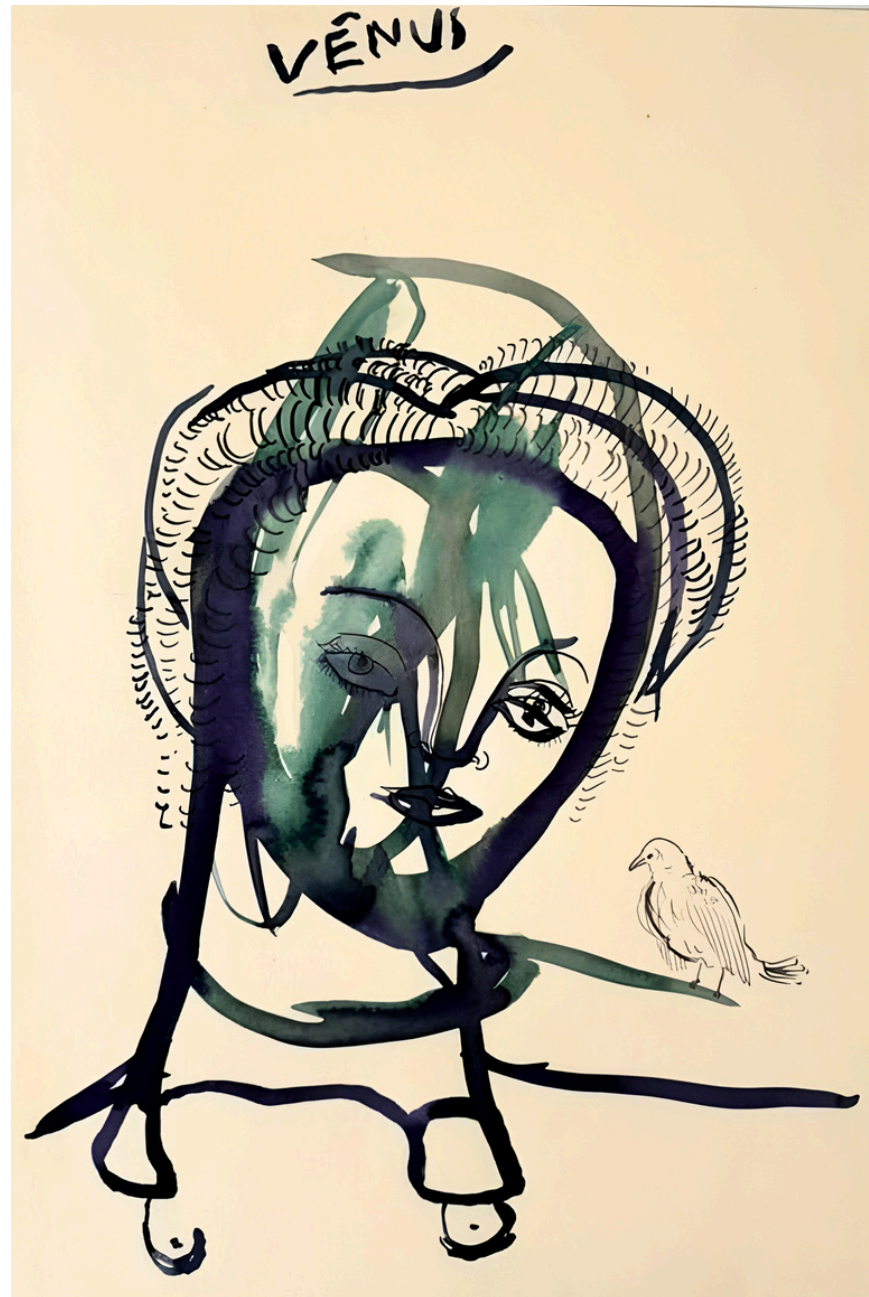
Musácia
Mixed media with graphite, ink and watercolor on paper
40 × 30 cm
1980
R\$ 2.000,00
US\$ 367



La Magicien
Mixed media with graphite, ink and watercolor on
paper
40 × 30 cm
1980
R\$ 2.000,00
US\$ 367



La Múmia
Mixed media with graphite, ink and watercolor on paper
40 × 30 cm
1980
R\$ 2.000,00
US\$ 367



Mixed media with graphite, ink and watercolor on paper

1980

R\$ 1.000,00

US\$ 193,50

Curadoria: Cida Brizola
Textos curatoriais: Maria Brizola
Design gráfico: Milena de Camargo

BRIZOLA CAMARGO @ 2026

NOTTHESAMO +

APOIO



BRIZOLA CAMARGO



BRIZOLA CAMARGO @ 2026

BRIZOLA CAMARGO